

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/259687782>

# O Tigre no ano do dragão / The Tiger in the Year of Dragon

Article in *Aletria Revista de Estudos de Literatura* · May 2011

DOI: 10.17851/2317-2096.21.2.157-170

---

CITATION

1

READS

425

1 author:



**Marcia Schmaltz**

Federal University of Minas Gerais

41 PUBLICATIONS 64 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



AuTema-PostEditing [View project](#)



AuTema-PostEdting/ University of Macau MYRG058(Y1-L2)-FSH12-ALL [View project](#)

# O TIGRE NO ANO DO DRAGÃO

## THE TIGER IN THE YEAR OF THE DRAGON

Márcia Schmaltz\*  
Universidade de Macau

### RESUMO

Este ensaio descreve a representação simbólica do tigre na cultura chinesa, levando em consideração alguns aspectos antropológicos e literários para demonstrar a importância do felino com status similar ao do dragão neste modelo cultural.

### PALAVRAS-CHAVE

Estudos culturais, tigre, dragão, cultura chinesa.

A personificação de animais tem sido objeto de estudos em vários campos das Ciências Humanas. Popularmente, a imagem da China é representada pelo dragão, mas o uso do símbolo era uma prerrogativa do imperador, tendo o tigre um papel menor no âmbito da representação simbólica. Nas últimas décadas, investigações em sítios arqueológicos parecem confirmar a hipótese de que o tigre seria um símbolo de utilização mais antiga e de maior prestígio em relação ao dragão.<sup>1</sup> Neste ensaio realiza-se um recorte pelo viés dos modelos culturais com pressupostos “[de] certos modelos de mundo que são amplamente compartilhados pelos membros de uma sociedade e que desempenham um papel importante na compreensão de mundo e no comportamento social de seus membros.”<sup>2</sup> Através da revisão de literatura das áreas antropológica e literária, o ensaio arrola evidências significativas que demonstram a importância do tigre comparada à do dragão neste modelo cultural.

### UMA LENDA SOBRE O TIGRE

Tendo em conta que o habitat natural do tigre é a Ásia, registre-se que, antigamente, o felino era encontrado nas montanhas e florestas do Nordeste, Sul e Sudoeste da China, em duas subespécies, o tigre-siberiano (*panthera tigris altaica*) e o tigre-do-sul-da-china (*panthera tigris amoyensis*). O felino é caracterizado pelo seu grande tamanho e pelagem de fundo alaranjado e listras pretas. Para os chineses, a composição

---

\* marcias@umac.mo

<sup>1</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal] e WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

<sup>2</sup> HOLLAND & QUINN. *Cultural Models in Language and Thought*, p. 4.

das riscas na fronte do felino remete ao ideograma 王 *wáng* [rei],<sup>3</sup> o que lhe confere uma situação de honra nesta cultura.

Uma antiga lenda chinesa<sup>4</sup> narra que, em períodos imemoriais, o tigre era o guardião da entrada do Palácio Celestial. A certa altura, as feras terrestres resolveram atacar as aldeias, causando grandes males à população, a tal ponto que nem o guardião terrestre conseguia contê-los, tendo que pedir socorro aos Céus. O felino foi destacado pelo Imperador Celestial para essa missão, que teve de consentir dar ao tigre a devida condecoração, caso conseguisse vencer as feras.

Chegando ao plano terrestre, o tigre constatou que o leão, o urso e o cavalo eram os animais mais ameaçadores à segurança humana. Logo, o felino os desafiou e, com a sua ferocidade, derrotou-os. Outras feras, ao saberem da superioridade do tigre, trataram de fugir para dentro das matas desabitadas, para de lá nunca mais saírem. O povo festejou a vitória e agradeceu ao tigre. Ao voltar ao plano celestial, o Imperador condecorou-o com três listras horizontais (三 *sān*, [três]) na fronte, simbolizando as três feras derrotadas. Tempos depois, quando uma tartaruga gigante do mar Oriental liderou hordas de camarões e caranguejos no ataque à terra, mais uma vez foi enviado o tigre para reprimi-las. Ao exterminar a ameaça, o Imperador Celestial riscou uma linha vertical sobre as listras horizontais (王 *wáng* [rei]) já existentes na fronte do felino, formando o caractere 王 *wáng* [rei], conferindo-lhe o título de rei dos animais. A partir de então, a figura de tigre é costurada em peças de vestuário, ou esculpida em acessórios que são colocados nas entradas e saídas que funcionam como amuletos para afastar o mal, como alguns exemplos ilustrados nas figuras 1 a 5.



FIGURA 1 - Tigres de pano com a inscrição 王 “rei” na fronte.

Fonte: Liang Baohai, Agência Nova China, 8/6/2006.

<sup>3</sup> Os ideogramas são escritos em chinês simplificado e as transliterações fonéticas do chinês para o português estão em *pinyin*, grafia adotada oficialmente pela República Popular da China desde 1964 e 1979, respectivamente. Todas as traduções são de responsabilidade da autora. As aceções ou traduções livres do chinês para o português estão sinalizadas entre parênteses angulares.

<sup>4</sup> CHEN. *Zhōngguó mǐnjān gùshì quánjí* [Contos populares chineses completos].



FIGURA 2: chapéu de tigre com inscrição 王 “rei” na frente.  
Fonte: Fengyixuetang.com



FIGURA 3 - Aldrava em forma de tigre.  
Fonte: tupian99.com



FIGURA 4 - Recortes de papel em tigre para serem colados nas janelas.  
Fonte: <http://ent.sg.com.cn/ent/rdzz/530464.shtml>



FIGURA 5 - Amuleto de jade em forma de tigre.  
Fonte: <http://kepu.llas.ac.cn/gb/civilization/zhou/jade/200204110023.html>

## ACHADOS ARQUEOLÓGICOS

Nas escavações de sítios arqueológicos, foram achados vasos e máscaras de face humanas com listras de tigre datados de mais dez mil anos, fornecendo evidências para a consideração do felino como totem, ainda anterior ao dragão, criatura mitológica tradicionalmente vinculada como símbolo da China. Cao afirma que “a adoração pelo tigre, indica-o como “ancestral” de tribos primitivas que junto ao felino buscavam proteção para seus membros.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal] e WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 8.

Os achados arqueológicos indicam o noroeste, que engloba as atuais províncias de Gansu, Qinghai e Shaanxi da China, habitado pelo povo Jiangrong, como a provável região de origem do culto ao tigre. Os antropólogos explicam que esse povo migrou gradativamente para o sul, em direção às províncias de Yunnan, Sichuan, Guizhou e Guangxi, e, para o leste, em direção à planície central<sup>6</sup> chinesa. A escavação de uma tumba em Puyang, na província de Henan, datando de cerca de 6.400 anos, se constitui como a primeira comprovação da reverência ao tigre e ao dragão como totem na cultura chinesa, superior aos totens do pássaro, cão, lobo, cervo, búfalo e cobra, entre outros. O corpo de um provável rei foi encontrado entre duas figuras do tigre e do dragão, modeladas por conchas. O felino encontrava-se no lado esquerdo e o dragão, no lado direito. Como na tradição chinesa é conferida maior distinção social a esquerda do que a direita, este achado fornece indícios para a hipótese do status social mais elevado do tigre em comparação ao dragão, pelo menos até por volta de 8.000-5.000 AEC.

O homem primitivo carecia de conhecimentos científicos e procurava respostas para os fenômenos atmosféricos que o cercavam e que não conseguia explicar. Cao entende que a divinização de elementos da natureza foi a resposta encontrada: trovões faziam o homem imaginar que o céu era habitado por divindades associadas ao tigre devido a seu forte rugir, enquanto raios instigavam a imaginação no sentido do surgimento do dragão mítico cuja imagem é baseada no felino: pernas robustas, mas com focinho mais protuberante e rabo mais longo.<sup>7</sup> He possui outra opinião. Para este autor, o dragão é uma extensão da imagem do totem da cobra, associada à imagem do raio.<sup>8</sup>

O grau de honraria atribuído ao tigre e ao dragão foi se modificando ao longo do tempo. Na dinastia Shang (1.600 AEC – 1.100 AEC), a reverência dada ao tigre e ao dragão ainda era equilibrada em grau. Existem achados em escavações arqueológicas que mostram, em cada lado das tampas dos esquifes, gravuras do tigre e o dragão. As bandeiras também exibiam, em cada face, as figuras do tigre e do dragão, bem como os utensílios de uso diário, com a posição variada: um vaso poderia ter a tampa com a gravura do dragão e os pés gravados com a do tigre, por exemplo. Esses achados arqueológicos parecem dar indícios que tanto o tigre como o dragão possuíam o dom de conexão entre os espaços terrestre e celestial.<sup>9</sup>

Wang observa que a diferenciação entre o dragão e o tigre ocorreu com o maior domínio das técnicas agrícolas e da tecnologia primitiva. Apesar de o tigre suscitar temor, ele é, afinal, um animal que vive nas florestas das montanhas e, com a evolução dos instrumentos de ataque e defesa, o felino poderia ser caçado. O dragão, por outro lado, permanecia envolto em uma atmosfera mágica e intangível: a cada relampear, parecia uma cobra que dançava entre as nuvens, liberando uma luz que ofusca os olhos,

---

<sup>6</sup> Região do curso médio e inferior do rio Amarelo, que compreende a província de Henan, o centro da província de Shaanxi, o sul das províncias de Hebei e Shanxi, o oeste da província de Shandong e o sudoeste da província de Jianguo. É tida como o local do surgimento da etnia Han.

<sup>7</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 8.

<sup>8</sup> HE. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana], p. 63.

<sup>9</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 219.

seguida de chuva que irrigava a terra, ou destruía em pouco instantes os vilarejos, as plantações e os barcos.<sup>10</sup>

## O DECLÍNIO DO TIGRE

De acordo com a revisão da literatura, o dragão ascendeu a uma posição de maior honra quando o primeiro imperador Qin (259 AEC – 210 AEC) unificou a China em 221 AEC. Para consolidar o seu poder político, tomou o dragão como símbolo de sua supremacia sobre os demais seres. O uso desse símbolo se tornou exclusivo do imperador. A representação do dragão foi normatizada e vetada as variações, fato que se perpetuou até o fim do período monárquico (1911) na China. A partir de então, o tigre passou a ocupar o segundo lugar de importância na hierarquia honorífica e a simbolizar o 臣 *chén* [súdito] na cultura chinesa, particularmente a força militar.

Cao justifica essa dicotomia através de uma abordagem que relaciona o homem e a natureza. Como dito anteriormente, tendo em conta a limitação de conhecimentos científicos do período, a percepção do raio ou o relâmpago era o prenúncio de uma possível tempestade que poderia nutrir ou destruir as plantações.<sup>11</sup> O antropólogo ainda observa que é comum para as sociedades agrícolas, que dependem de condições climáticas para a sua subsistência, reverenciarem entidades míticas relacionadas aos fenômenos meteorológicos. O céu era tido como inatingível e sagrado, lugar onde pretensamente habitava o dragão, enquanto o tigre encontrava-se nas montanhas e podia ser abatido pelo homem.<sup>12</sup> Segundo o antropólogo, a migração de reverência do totem tigre para o totem dragão dos povos da planície central chinesa foi natural, devido às condições meteorológicas propiciarem o culto ao dragão, senhor das águas. Contudo, visando à hegemonia sobre os povos ou etnias marginais desta região, a *intelligentsia* monárquica teve de tratar de construir a legitimação do poder, através da relação de descendência entre o dragão mitológico e o imperador. Foram reavivadas as lendas da ascensão aos céus do Imperador Amarelo, fundador mítico da etnia Han, montado num dragão,<sup>13</sup> e da origem do Imperador Fu Xi, primeiro homem mítico, que teria sido gerado a partir da pisada de sua mãe numa pegada de um dragão.<sup>14</sup> Assim, o tigre passou a ocupar o segundo lugar na hierarquia de distinção social, ao ligar-se a natureza impetuosa do animal à hierarquia militar. A outorga do comando das armas era dada pelo imperador através de um artefato em forma de tigre, denominado de 虎符 *hǔfú* [emblema do tigre]. O general que vencias muitas batalhas recebia o título de 虎将 *hǔjiàng* [general tigre], como uma homenagem a sua bravura e os seus descendentes eram reconhecidos como 将门虎子 *jiàngmén-hǔzǐ* [filhos de uma família de tigre]. A lista dos aprovados no sistema imperial de carreira pública era denominada de 龙虎榜 *lónghǔbǎng* [lista do dragão e do tigre / lista de aprovados ao concurso público do imperador].

<sup>10</sup> WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 115.

<sup>11</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 223.

<sup>12</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 227.

<sup>13</sup> *Shānhǎijīng* [O livro da natureza], p. 54.

<sup>14</sup> *Shānhǎijīng* [O livro da natureza], p. 513, 514.

Nas últimas décadas, surgiu a elaboração mística de que os chineses seriam descendentes do dragão. Conforme Wang,<sup>15</sup> por um lado isto pode funcionar como um jargão para a unificação dos chineses na diáspora, mas, por outro, constitui uma meia-verdade, pois, do ponto de vista histórico, a nomenclatura apenas se aplicaria aos descendentes diretos do imperador e contraria a característica multiétnica da sociedade chinesa.

Em função da mística criada, surgiu na imprensa internacional, na década de noventa, o fenômeno do bloco econômico, composto por Hong Kong, Taiwan e Cingapura, entre outros países, que passaram a ser conhecidos como “tigres asiáticos”, em oposição ao “dragão chinês”.

## A PRESENÇA DO TIGRE NA ASTRONOMIA CHINESA

Desde a dinastia Xia (2.100 AEC - 1.600 AEC), são realizadas observações celestes sistemáticas na China e, nas dinastias Shang e Zhou (1.600 AEC - 771 AEC), os astrônomos calcularam os períodos orbital e sinódico do sol, da lua e de cinco planetas (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno), relacionados aos cinco elementos terrestres: Água (Mercúrio), Metal (Vênus), Fogo (Marte), Madeira (Júpiter) e Terra (Saturno).<sup>16</sup> Combinaram-se os quatro primeiro planetas citados aos quatro pontos cardeais, identificando-os a quatro animais e cores. Wang Chong (27 – 97 d.C.), filósofo da dinastia Han Oriental, explica que: “O Leste é Madeira, cuja constelação é do Dragão Azul. O Oeste é Metal, cuja constelação é do Tigre Branco. O Sul é Fogo, cuja constelação é do Pássaro Vermelho. O Norte é Água, cuja constelação é da Tartaruga Negra.”<sup>17</sup>

A figura 6, abaixo, representa o antigo mapa astronômico chinês, onde pode ser observada, à direita, a constelação do Tigre Branco:



FIGURA 6: Antigo mapa astronômico chinês.

Fonte: <http://hi.baidu.com/jianxihaizei/album/item/1e4a411f239d806cf624e4d5.html>

<sup>15</sup> WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 23.

<sup>16</sup> SIMA. *Shǐjì* [Registros históricos], p. 111.

<sup>17</sup> WANG. *Lùn héng* [Sobre a balança], p. 46.

O filósofo Liu An (179 AEC – 122 AEC), considerado o maior conhecedor da astronomia chinesa do período anterior à dinastia Qin (221 AEC – 206 AEC), afirma que a ligação dos cinco elementos aos pontos cardeais mais ao centro e às estações não é feita por acaso. Cada um dos cinco elementos está relacionado a uma direção e uma estação do ano e eles são os representantes da categoria de entidades que possuem tais características. A constelação do Imperador Amarelo representa o centro, cujo elemento é a Terra, remetendo às terras férteis da planície central chinesa. As características de regeneração e acolhimento são ligadas a esse domínio que, por extensão de sentido, são relacionadas ao Senhor de todas as coisas, ou seja, ao imperador. Como o sol nasce ao leste, as características de crescimento são categorizadas no elemento Madeira, representante do reino vegetal, cuja estação é a primavera; o elemento Fogo está relacionado ao sul, devido ao calor excessivo dessa região geográfica no verão na China; o sol se põe ao oeste e, nesse momento, o céu se torna dourado – daí a associação ao Metal, elemento que possui a capacidade de purificação e de eliminação, associado ao outono. O elemento Água está relacionado ao norte e ao frio, cuja característica é hidratar e levar à penetração.<sup>18</sup>

Na dinastia Han (206 AEC – 24 EC), identificaram-se estrelas formando um conjunto de vinte e oito mansões, i.e., constelações. A partir da elíptica, utilizaram-nas para dividir o espaço celeste em doze partes, que serviam de referência para as observações astronômicas. Estas receberam a denominação de doze animais que são conhecidos como o zodíaco (rato, búfalo, tigre, coelho, dragão, cobra, cavalo, cabra, macaco, galo, cão e porco), que se relacionam às doze horas<sup>19</sup> e aos doze meses. O período entre as três e cinco da manhã é denominado de 寅 *yín*, governado pelo tigre e pertence ao elemento Madeira. Por fim, março é o mês do tigre.<sup>20</sup>

Cao<sup>21</sup> e Wang<sup>22</sup> observam que, do ponto de vista da astronomia chinesa, a presença do tigre como símbolo de um dos pontos cardeais, demarcado em uma constelação celeste (sendo o terceiro signo do zodíaco na astrologia e constante no sistema de contagem de tempo), confere-lhe o mesmo status que o dragão.

## A PRESENÇA DO TIGRE NA LITERATURA

No verbete referente ao primeiro trigramma 乾 *qián* [céu] no *Yìjīng* [O livro das mutações] (?900 AEC) consta que:

---

<sup>18</sup> LIU. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan], p. 124.

<sup>19</sup> O sistema chinês para a contagem do dia equivalia a um período de duas horas ocidentais até a dinastia Song (960-1279).

<sup>20</sup> WANG. *Lùn héng* [Sobre a balança], p. 47.

<sup>21</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

<sup>22</sup> WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

a pessoa se torna uma unanimidade, tal como as mesmas frequências de som se tornam uníssonas, as entidades com as mesmas características se atraem: a água escorre em direção às regiões inferiores úmidas, o fogo é atraído pela aridez; da emergência do dragão das águas ao céu, surgem as nuvens; do rugir do tigre, nasce o vento. Assim, quando surge o sábio de grande qualidade moral, ele é reconhecido por todos.<sup>23</sup>

Esta passagem é a referência escrita mais antiga relacionada ao tigre e ao dragão. Liu<sup>24</sup> interpreta-a como sendo o dragão uma criatura das águas. Quando a criatura voa aos céus, atrai as nuvens, que pertencem ao mesmo elemento. Por outro lado, a força do rugir do tigre estremece os vales e assim surge o vento. Em outra passagem do livro das mutações diz-se explicitamente que o dragão pertence ao 乾 *qián* [céu], vive entre as nuvens, por isso é 阳 *Yáng* [princípio ativo ou positivo]. O tigre produz vento e vive na terra 坤 *kūn*, por isso é Yin [princípio passivo ou negativo]. Na filosofia taoísta, da combinação das energias positiva e negativa surgiram todas as coisas. Cao<sup>25</sup> e Wang<sup>26</sup> afirmam que, a partir do corolário taoísta, o dragão e tigre são inseparáveis na cultura chinesa, o que é observável através de inúmeros provérbios ou colocações em que se encontram estes dois termos, para expressar o conceito de vivacidade – por exemplo, 生龙活虎 *shēnglóng-huóhǔ* [dragão vivaz e tigre vigoroso], 龙腾虎跃 *lóngténg-hǔyuè* [ascensão do dragão e salto do tigre], 虎啸龙吟 *hǔxiào-lóngyín* [rugir do tigre e cantar do dragão] – ou para caracterizar pessoas de talento – por exemplo, 龙骧虎步 *lóngxiāng-hǔbù* [trote do dragão e passo do tigre], 龙骧虎视 *lóngxiāng-hǔshì* [trote do dragão e olhar do tigre], 藏龙卧虎 *cánglóng-wòhǔ* [dragão escondido e tigre agachado].

Expressões com o termo tigre denotam características de “imponência e bravura” 雄姿虎威 *xióngzī-hǔwēi*, por exemplo. O ditado “colocar asas no tigre” 为虎添翼 *wèihǔtiānyì* denota somar forças a algo ou a alguém em uma situação já favorável. Porém, nem toda a expressão que contém o termo tigre possui uma conotação positiva. Cao observa que *Lǐjì* [O livro dos ritos], um dos cânones da literatura confuciana, é o primeiro e mais antigo escrito que registra a relação do tigre com a tirania.<sup>27</sup> Consta que, durante a passagem de Confúcio e seu discípulo pelo Monte Tai, encontram uma mulher aos prantos ao pé de um túmulo. Ao perguntarem sobre o ocorrido, ela contou que a sua família sempre subsistiu da caça do tigre e que seu sogro e os seus ancestrais tinham todos morrido durante o exercício dessa atividade. Entretanto, seu marido e filho haviam sido acusados injustamente e condenados à morte por não terem aceito o esquema de corrupção proposto por funcionários públicos. Confúcio, ao ouvi-la, comentou que “a tirania é mais feroz do que o tigre”<sup>28</sup> (苛政猛于虎也 *kēzhèng měng yǔ hu yě*). Mais tarde, as fábulas com tigres eram subentendidas a partir deste axioma, de onde surgiram 猴吃虎脑 *náochī hǔnǎo* [O macaco dourado que comia cérebro de tigre] e 虎逐麋鹿

<sup>23</sup> *Yìjīng* [O livro das mutações].

<sup>24</sup> LIU. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan], p. 121.

<sup>25</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

<sup>26</sup> WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

<sup>27</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 6.

<sup>28</sup> *Lǐjì* [O livro dos ritos].

*hǔzhú-mílù* [A corça e o tigre]. São contos que narram que, apesar da “ferocidade do tigre”, a habilidade e a inteligência podem vencer a força.<sup>29</sup> Nos dias atuais, a máxima confuciana é ainda produtiva para outras situações como “a inflação é mais feroz do que o tigre” 通胀猛于虎 (*tongzhàng měng yú hǔ*).

De acordo com nossa pesquisa no corpus do Centro da Linguística Chinesa da Universidade de Pequim,<sup>30</sup> encontramos mais de cem colocações com o termo tigre. Segundo nossa análise, a conotação pode ser pejorativa ou não, dependendo do contexto. Quando a expressão combina o termo tigre com os termos lobo, cobra e chacal ou com partes do corpo do felino, remete ao sentido de crueldade, ferocidade e perigo, como 虎口拔牙 *hǔkǒu-báyá* [arrancar dente da boca do tigre], entre outras.

O *Shānhǎijīng* [O livro da natureza] reúne registros de geografia, hábitos, costumes, lendas e mitos, datados de antes do período dos Reinos Combatentes (475-221 AEC). A obra é constituída por relatos orais registrados a partir de expedições por toda a China. Os antropólogos He,<sup>31</sup> Cao,<sup>32</sup> Wang,<sup>33</sup> reconhecem a obra como uma importante fonte para os estudos antropológicos, por fornecer indícios da cultura de veneração ao tigre no Oeste chinês, região no entorno da cordilheira montanhosa Kunlun,<sup>34</sup> estendendo-se entre as atuais províncias de Xinjiang a Sichuan.

No volume intitulado *Xi shān jīng* [Livro das montanhas do oeste] da obra citada acima, conta-se que no cume da montanha Kunlun reside 西王母 *Xī Wángmǔ* [Rainha Mãe do Oeste], a figura feminina mais importante no panteão chinês. Ela possui aspecto humano, porém tem rabo e dentes de tigre e tem por hábito rugir. A deusa governa as epidemias, catástrofes, massacres e é conhecida como a deusa da morte e do nascimento. Os registros fazem constar que no seu jardim há uma árvore da eternidade, da qual são extraídas essências para produzir as pílulas da imortalidade. No declive da montanha encontram-se dois guardiões: 陆吾 *Lùwǔ*, corpo de tigre com nove rostos humanos, responsável pelas fronteiras dos nove reinos celestiais e pelo jardim da Rainha Mãe do Oeste; 马腹 *Mǎfù*, corpo de tigre e rosto humano, que possui um rugir como o choro de um recém nascido. Costuma banhar-se nas águas, deixando as garras na superfície para atrair a atenção e devora a pessoa que se aproxima. A entrada da montanha na face do sol nascente é guardada pelo 开明兽 *Kāimíngshòu*, que também possui nove rostos humanos, e é conhecido pela sua ferocidade.<sup>35</sup> Na mitologia consta que apenas o arqueiro celestial 后羿 *Hòuyì*, conseguiu despistá-lo para encontrar a Rainha Mãe do Oeste e obter as pílulas da eternidade.<sup>36</sup> No volume ainda constam várias referências às divindades

<sup>29</sup> CAPPARELLI & SCHMALTZ. *50 fábulas da China fabulosa*.

<sup>30</sup> Disponível em: [http://ccl.pku.edu.cn:8080/ccl\\_corpus/index.jsp?dir=xiandai](http://ccl.pku.edu.cn:8080/ccl_corpus/index.jsp?dir=xiandai) (20/12/2011).

<sup>31</sup> HE. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana].

<sup>32</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

<sup>33</sup> WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

<sup>34</sup> Na cosmogonia chinesa, é onde surgiram todas as coisas e o cume é a morada dos deuses e imortais, onde se localiza o mítico Palácio de Jade de Huangdi, o Imperador Amarelo.

<sup>35</sup> *Shānhǎijīng* [O livro da natureza].

<sup>36</sup> SCHMALTZ & SCHMALTZ. *Histórias da Mitologia Chinesa*.

meio homem, meio tigre que, do ponto de vista antropológico, constituem indícios de tribos que reverenciavam o tigre como totem no noroeste, oeste e sudoeste chinês.<sup>37</sup>

*Zhànguó Cè* [Estratégias dos Reinos Combatentes] e *Hán Fēizǐ* [O Príncipe Han Fei] registram a disputa pela hegemonia chinesa entre 475 – 221 AEC, época de predomínio das fábulas. Essas eram utilizadas como recurso retórico para o fortalecimento da argumentação por filósofos, príncipes e estrategistas, dentre as mais variadas escolas de doutrinas filosóficas, a fim de expor, satirizar ou persuadir alguém em relação a alguma verdade, de maneira implícita para “preservar a face” dos envolvidos. Devido ao uso recorrente, tornou-se um gênero autônomo e muito popular. Muitos de seus títulos se tornaram provérbios e expressões idiomáticas, empregados em larga escala no cotidiano chinês.<sup>38</sup> Em *老虎求生* *Lǎohǔ-qiúshēng* [Uma questão de vida ou de morte], é narrada a fábula de um tigre que, ao ser preso numa armadilha, prefere perder sua pata e fugir do que perder a vida. Em *狐假虎威* *hújiǎhǔwēi* [A raposa e o tigre], a fábula remete a um tigre que, por desconhecer seu poder e força, é enganado pela raposa. Em *两虎相斗* *liǎnghǔ-xiāngdǒu* [Tigre versus tigre], narra-se como tirar melhor proveito da briga entre duas feras, sem desperdiçar muito esforço. Por fim, *三人成虎* *sānrén-chénghǔ* [Como um boato se torna realidade] é uma parábola que fala sobre o risco de não se conter um boato, tornando-o uma verdade.

Em *Sūnzǐ bīngfǎ* [A Arte da Guerra<sup>39</sup>], Sunzi, ao explicar o axioma de não atacar um inimigo forte de frente, utiliza-se de uma metáfora para se fazer melhor entender. Diz que é necessário “fazer o tigre descer da montanha” *调虎离山* *diàohǔ-líshān*, porque na planície, longe de seu habitat natural, ele se torna a tal ponto frágil que pode ser atacado até pelo cachorro *虎落平川被犬欺* *hǔluò-píngchuān bèi quǎn qī* “tigre na planície é atacado pelo cão”. Da mesma forma, se quiser saber onde está localizado o quartel-general do inimigo, “solte o tigre de volta para a montanha” *放虎归山* *fànghǔ-guīshān*, pois ele mostrará o caminho, mas também poderá se transformar em uma futura ameaça.

*Tàipíng Guǎngjì* [Registros de Taiping] foi organizado por Li Fang *et al.* no terceiro ano do reinado Taiping (978). A obra reúne toda a literatura de cunho sobrenatural e maravilhoso produzida até a dinastia Song (960 – 1279). A obra, de 500 volumes, é organizada em 92 temas, tais como deuses, assombrações, espíritos, animais e criaturas, contos budistas e taoístas, entre outros. Dentre estes, seis volumes e mais de sessenta contos têm como o tema o tigre. Um grande número de narrativas refere-se à metamorfose de homens em tigre, como castigo por sua arrogância ou violência, sendo então condenados a devorar outros homens. Entretanto, mesmo transformados em feras, não cometem atrocidades contra seus pais ou seus filhos. Daí surge o provérbio *虎毒不食其子* *hǔ dú bù shí qí zǐ*, “O tigre é sinistro, mas não come a sua cria”, revelando uma dimensão de limite de crueldade personificada no animal.

É muito provável que *Shuǐhǔ Zhuàn* [Na ribanceira somos todos irmãos], um dos quatro cânones da literatura clássica chinesa, seja a obra com o maior número de

<sup>37</sup> CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 112.

<sup>38</sup> SCHMALTZ. Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa, p. 35.

<sup>39</sup> SUN, Wu. *Sūnzǐ bīngfǎ* [A arte da guerra].

referências ao tigre. Há três passagens muito conhecidas. Um episódio iguala a valentia do homem à do tigre: Wu Song, no caminho de casa, bebe dezoito cumbucas de aguardente e, ao saber que o vilarejo estava sob a ameaça de um tigre, resolve eliminá-lo. Ao encontrar a fera no meio do caminho, a mata a socos. A personagem Sun Erniang é referida como 母老虎 *mǔlǎohǔ* [tigresa], termo que possui um significado pejorativo nesta cultura, referindo-se às mulheres muito bravas, mal-humoradas e que dominam a relação matrimonial. Finalmente, o terceiro episódico refere-se a quando Wu Da hesita em capturar um traidor e outra personagem exclama: “Está tendo medo de um tigre de papel?”. A expressão popular é utilizada para se referir a uma falsa ameaça e se tornou famosa em 1946, quando Mao Zedong foi entrevistado quanto ao seu temor diante das tropas nacionalistas e respondeu que eles não se constituíam em ameaça, por serem “tigres de papel”.

Pu Songling (1640-1715), famoso escritor da literatura fantástica e autor de *Liaozhai zhìyì* [Contos extraordinários de Liaozhai], narra, em “O tigre arrependido de Zhaocheng”, a estranha estória de um tigre que, ao devorar o único filho de uma velha, aceita a pena de tomar conta da senhora até a sua morte. Ji Yun (1724-1805), autor de *Yuèwei cǎotáng bǐjì* [Anotações no estúdio de Yuewei], era mandarim e exerceu função pública na província de Xingjiang, oeste chinês, onde colheu várias estórias relacionadas ao tigre. Em “Tang, o caçador”, narra a estória de como a habilidade adquirida pela prática e a experiência pode vencer o maior felino terrestre.<sup>40</sup> À luz de uma interpretação sócio-política, esses contos parecem somar, à personificação da tirania governamental e ao respectivo “senso de limite de ferocidade” do tigre, narrado em contos de períodos anteriores e citados acima, o “senso de responsabilidade” pelos atos praticados pelo “felino”. Ao povo, exige-se habilidade para lidar com “a fera”.

Este ensaio descreveu a representação simbólica do tigre na cultura chinesa através de um recorte antropológico e literário para demonstrar a importância do felino no modelo cultural chinês. A revisão da literatura indica que a civilização chinesa surge a partir da interação de tribos que reverenciavam principalmente o dragão e o tigre, além de outros entes naturais. O animismo é motivado pelo conhecimento incipiente do homem primitivo em relação aos fenômenos meteorológicos e naturais que o circundavam. De acordo com os achados arqueológicos, em tempos remotos era conferida a mesma distinção honorífica aos dois entes, ou havia uma ligeira superioridade do tigre em relação ao dragão. Entretanto, com o avanço do domínio tecnológico, o tigre se tornou menos ameaçador do que o dragão. Esta criatura mitológica era considerada o senhor dos raios e da chuva – condição climática fundamental da sociedade agrícola que se estabelecia. Assim, quando o primeiro imperador chinês unificou a China como uma nação, o dragão foi tomado como o símbolo de exclusividade imperial até o fim da monarquia. Neste contexto e de acordo com as lendas, o tigre se torna o símbolo favorito do povo, sinal auspicioso contra o mal. Peças de vestuário, acessórios e artefatos são produzidos como amuletos. O tigre, ao se tornar o segundo símbolo em importância na

---

<sup>40</sup> SCHMALTZ & CAPPARELLI *Contos sobrenaturais chineses*.

escala de distinção social, passa a representar a esperança de ascensão ao poder, inferior somente à importância do dragão. Por outro lado, o termo tigre, por extensão de sentido, pode ser empregado para desvelar a opressão, ou coisas e eventos perigosos, bem como para descrever ações e pessoas de bravura. Por fim, na língua e literatura chinesas, constata-se muitos provérbios e colocações contendo os termos tigre e dragão, o que, para os antropólogos, sinaliza a relação de complementaridade, que indica o dragão como força positiva ou ativa, *yang*, relacionado ao céu e ao masculino, enquanto o tigre aparece como força negativa ou passiva, *yin*, relacionada à terra e ao feminino. A partir destas forças geraram-se todas as coisas, conforme a doutrina taoísta. Portanto, dragão e tigre são faces da mesma moeda e a existência de um pressupõe a do outro. São entidades com a maior força simbólica dentro da cultura chinesa. 

#### ABSTRACT

This paper describes the symbolic representation of the tiger in the Chinese culture taking into account anthropological and literary approaches to demonstrate the importance of the feline with a status similar to the dragon, in this cultural model.

#### KEYWORDS

Cultural studies, tiger, Chinese culture.

#### REFERÊNCIAS

- CAO, Zhenfeng. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal]. Beijing: Shehui kexue wenxian, 1998.
- CAPPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia. *50 fábulas da China fabulosa*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CHEN, Qinghao. *Zhōngguó mínjiān gùshì quánjí* [Contos populares chineses completos]. Taipei: Yuanliu, 1989.
- HAN, Fei. *Hán Fēizǐ* [O Príncipe Han Fei]. Disponível em: <http://ctext.org/hanfeizi/zh>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.
- HE, Xingliang. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana]. Beijing: Zhongguo Wenlian, 1991.
- HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi. *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: CUP, 1987.
- LI Fang *et al.* *Tàipíng Guǎngjì* [Registros de Taiping]. Disponível em: <http://www.shuku.net:8080/novels/classic/taipinggj/tpgj.html>. Acesso em: 30 de janeiro de 2012.
- Liji* [O livro dos ritos]. Disponível em: <http://ctext.org/liji/tan-gong-ii/zhs#n9720>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2012.
- LIU, An. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan]. 2. ed. Taipei: Shibao wenhua, 1998.

- LIU, Xiang. *Zhànguò Cè* [Estratégias dos reinos combatentes]. Disponível em: <http://ctext.org/zhan-guo-ce/zh>. Acesso em: 31 de janeiro de 2012.
- SCHMALTZ, Márcia. Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa. *Organon*, Porto Alegre, UFRGS, n. 43, v. 2, p. 35-52, 2007.
- SCHMALTZ, Janete; SCHMALTZ, Márcia. *Histórias da mitologia chinesa*. São Paulo: Livro Aberto/Xerox, 1999.
- SCHMALTZ, Márcia; Sérgio Capparelli. *Contos sobrenaturais chineses*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- Shānhǎijīng* [O livro da natureza]. Haikou: Nanhai, 2007.
- SHI, Nai'an; LUO, Guanzhu (?1300-?1400). *Shuǐhǔ Zhuàn* [Na ribanceira somos todos irmãos]. Beijing: Zhongguo wenxue, 1997, 931 p.
- SIMA, Qian. *Shǐjì* [Registros da história]. Taipei: Dingwen, 1997.
- SUN, Wu. *Sūnzǐ bīngfǎ* [A arte da guerra]. Disponível em: <http://ctext.org/art-of-war/zh>. Acesso em: 30 de janeiro de 2012.
- Yìjīng* [O livro das mudanças]. Disponível em: <http://ctext.org/book-of-changes/yi-jing/zhs>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2012.
- WANG, Chong. *Lùn héng* [Sobre a balança]. Wuhan: Universidade Politécnica de Wuhan, 2001.
- WANG, Fenling. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiù* [Uma investigação da cultura do tigre na China]. Changchun: Universidade Normal do Nordeste, 1998.